

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Juliano de Brito Class.: _____

Data: 05/06/87 Pg.: _____

EDITORIAL

Nadando contra a corrente

É difícil acreditar que membros de uma comunidade indígena, já nitidamente aquém da subjetiva barreira que separa o selvagem do aculturado, portanto cheia de anseios por uma vida melhor, tenham chegado sozinhos a decisão de exigir que um telefone rural seja removido sem esta ou mais aquela da área onde eles mesmos pediram que fosse instalado. Embora sem querer fazer juízo de valores, convenhamos que alguém está por trás disso. Alguém que, mais uma vez, consegue interpor-se entre o desejo da chamada sociedade civilizada de levar a comunidade indígena a uma conquista que é de todos e a vontade dessa mesma comunidade em dar um passo a mais em direção a uma integração que nem sempre tem sido fácil.

Roraima tem sofrido, ao longo dos anos, a pernicioso ação de pessoas, grupos ou entidades que lutam para não perder o domínio sobre a vida dos índios, como que a querer que eles jamais deixem o círculo de domínio que nasceu e se fortaleceu em razão das falhas da política governista em relação a essas comunidades.

Mas é bom lembrar que nem sempre esse domínio tem sido pautado pela sinceridade e pureza de sentimentos, sofrendo desvios muitas vezes impregnados de ideologia, onde o principal elemento a ser atingido, por tabela, e a autoridade, a única figura capaz de botar por terra, por meios legais, toda uma geopolítica que, tomando-se por base vários fatos ocorridos, leva a crer que esteja impregnada de interesses que nem sempre são os que convêm aos índios.

Dizem os defensores das causas em discussão que a sociedade dita civilizada é o maior perigo que os índios enfrentam para manter intactos sua cultura, religião e costumes. Nos parece que isso é radicalismo demais diante de um problema que, mesmo encerrando certos perigos, pode ser resolvido com resultados plenos

alias elas fazem parte.

Numa análise fria sobre o assunto, entendemos que os grupos que radicalizam na defesa da manutenção do índio num eterno estado de vida primitiva, deviam, isto sim, agir como elemento amortecedor do choque. Enquanto continuarem na mesma postura de hoje, tentando manter um divisor de águas que separe as duas partes, correm o risco de serem os responsáveis pela grande rachadura que se formará no enorme dique que vem construindo ao longo de muitas décadas. A integração de índios e brancos é um fato irreversível.

Diante dessa realidade, os grupos que se dizem defensores intransigentes da causa indígena deveriam parar um pouco para pensar. Quem está fazendo mal aos índios? Os brancos, que procuram aproximar-se, embora, pelo próprio estado de coisas atual, o façam muitas vezes de forma errônea, ou os que insistem em manter uma minoria presa a uma filosofia que a história em muitos casos vem mostrando que nem sempre é a mais correta? É preciso reformular conceitos sobre a verdadeira ajuda que se deve dar aos índios. Lutar guerra de guerrilha, para evitar que outros possam ajudá-los, é, francamente, nadar contra a corrente.